

## A “REALIDADE” COMO PERFORMANCE URBANA

Nelson Lima<sup>1</sup>

SIMMEL E EVANDRO TEIXEIRA

Um dos autores que mais influenciaram minha graduação em Ciências Sociais foi Simmel e seu seminal *A metrópole e a vida mental*, inspiradores da famosa escola de Chicago. A cidade moderna criada pelo capitalismo era por si só uma estimulante mental ao recém-criado homem urbano. E eu estudava no coração da metrópole carioca, em pleno Largo São Francisco, no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, a metrópole e os vestígios de um passado entregue à própria sorte.

Hoje assisti ao filme-documentário *Evandro Teixeira: instantâneos da realidade* sobre a vida do grande fotógrafo brasileiro. Todos se perguntavam abismados como Evandro podia treinar seu olhar de tal forma a captar frações de segundo em meio ao caos cotidiano de uma metrópole. Estamos convencidos que o fotógrafo de paisagens bucólicas trabalha com uma noção de movimento bem mais controlada.

Creio que no fotógrafo da metrópole, o *expertise*, existe uma cumplicidade entre o olhar e o objeto. Você não tem a impressão às vezes de que está sendo observado na cidade não sabe aonde? É que os seus sentidos estão super aguçados e atentos à observação alheia. A grande maioria das pessoas sente e pressente olhar que se dirige a elas, mas não é capaz de olhar com interesse ao que a cerca na metrópole. É por isso que situações especiais atraem multidões. Os desatentos em geral são atraídos por batidas de carro, assaltos e tiroteios, porque isso se mostra significativo socialmente. Somente esses desastres metropolitanos é que são mais importantes do você e o seu ego.

Então andar pelas calçadas das metrópoles não é algo natural, e a visão da multidão na metrópole não é nada “realista”. Estão me olhando dos prédios, estão me olhando dos carros e dos ônibus. Então o que é, afinal, realista? É realista toda a vida que não é olhada por um sujeito doador de sentido. Então, a vida realista não pode ser interpretada. A vida realista é a vida em Nova York e não a vida no Rio de Janeiro, pois, você está aqui no Rio de Janeiro. Mas, se você viaja para Nova York, a vida realista é a do resto do mundo.

---

<sup>1</sup> Professor-doutor de Sociologia Geral da Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro, Brasil.

E o que faz a mídia e a fotografia? Trazem o mundo realista de todos os lugares para sujeitos doadores de sentido de todos os lugares. Eu vejo Nova York aqui no Rio de Janeiro quando assisto o correspondente estrangeiro Willian Waack na Rede Globo. Eu tenho a “minha” Nova York sem nunca ter ido a Nova York. Mas, porque eu não tenho a minha Kuala Lumpur. Que elementos eu tenho da Kuala Lumpur realista? Ah, sim, as duas torres mais altas do mundo, Petronas, que me fazem lembrar de Nova York de novo, que possui ou possuiu, depois de Chicago, todas as outras maiores torres do mundo. Então, apesar de Kuala Lumpur, Nova York ainda é o lugar das maiores torres do mundo. E o que mais as duas cidades possuem em comum? Muito pouco. Eu não tenho a minha Kuala Lumpur ainda, mas, tenho mais um elemento da “minha” Nova York, que foi o de influenciar uma concorrência mundial para a construção de arranha-céus gigantescos. Finalmente, concluo que mesmo que a mídia me traga a Kuala Lumpur com a suposição de estar sendo realista, aquelas duas torres estão enriquecendo subliminarmente a “minha” Nova York.

O grande olhar fotográfico sabe que o “instantâneo da realidade” é uma ilusão de propaganda. A gente só vê o que quer no mundo e a realidade é muito mais ampla e incontrollável do que o que se vê. Portanto, sempre aonde nós estamos não há nenhuma realidade. Nem para o cego que escolhe o que escuta. Nem o cachorro que te olha quando é olhado, logo, o cachorro “real” está paralisado e latindo por sua causa. A realidade sempre está exterior a nós e fora de nosso controle, naquele caos que outros olhares estão ordenando. Pobre das coisas neste mundo que nunca foram olhadas, pois, estas são as coisas reais! Qualquer bicho no mato, qualquer árvore selvagem. Uma lacraia, quem procura uma lacraia, esse ser abjeto que se esconde e caça a noite? Pois, a vida da lacraia é real. Mas, a rara pantera em extinção é anunciada como uma “pantera real” em extinção e assim fotografada, sem ser vista a noite. Seus olhos reluzem. A vida da pantera não é real, e a fotografia não registra sua realidade. Ela é uma *pop star*.

## NOVA YORK

Estive em Nova York nas férias de julho e nunca senti uma compulsão tão grande por fotografar. São mais de 140 fotos, e ainda faltaram. Que compulsão era aquela? Era tentar engolfar a “realidade” de Nova York inteira diante dos estímulos intensos que a maior metrópole de toda a humanidade me causou, conforme a teoria “simmeliana”. Nunca houve antes e nunca haverá nada como Nova York em toda a humanidade. Os Estados Unidos serão esquecidos, mas, Nova York é como Babilônia e Roma, *forever*. Em meu desespero, atravesssei a Lexington correndo pensando que estava no Rio de Janeiro. Quase fui atropelado. Queria que a maquina-

nha descartável abarcasse toda a gigantesca torre da Chrysler. Eu tremia. Via as pessoas trabalhando lá dentro nos escritórios enquanto enquadrava. Estava delirando. O Homem-Aranha passou voando na minha frente e me desconcentrou. Fiquei agachado, de pé, e me entortei. Cliquei e disse: está aqui dentro. Agarrei a máquina e pus no bolso como uma carteira cheia de dólares com medo de ladrão.

Fotografei a Grande Estação Central e a foto queimou. Sempre que uma foto minha tirada em condições normais de luminosidade queima, parece algo sobrenatural. Tanto eu queria ver aquele Deus Mercúrio lindo no frontispício que ele correu de mim. Mas, pensando bem, estava anoitecendo, e os prédios da Park Avenue escurecem a rua muito rápido. Mesmo com flash, pode queimar mesmo. Mistério!

A “minha” Nova York mudou a partir dessas fotos e também mudarei a Nova York das pessoas que verem minhas fotos. E Nova York é uma cidade que não possui realidade. Ela, a realidade, foi toda destruída pela vida moderna. Não há um rato que se mova em Nova York e não seja percebido por alguém. E eu vi um rato enorme lá no Seaport, bem embaixo da Brooklyn Bridge. E eu vi outro ratinho pequenininho até bonitinho dentro de uma pizzaria. Juro! Estava comendo e ele veio se esgueirando pelo chão. Parecia filme! Estava comendo em lugar sórdido com letreiro de neon na porta e pagando 10 dólares! Revoltante!

Quando a gente se desencanta com algo acredita que “caiu na real”. Ledo engano! Eu achei ratos em Nova York porque estava a procura de ratos em Nova York, informado pela minha formação esquerdista latino-americana. Quando eu saí do Aeroporto JFK acionei um olhar crítico ostensivo e meu nariz estava pronto para sentir cheiros podres. Eu sempre espero o pior dos melhores lugares e o melhor dos lugares mais mal-falados. Isto é um esquerdismo ideológico que informa meu olhar. Como eu acho coisas inéditas e chocantes com essa postura ideológica, posso dizer que ao fotografar estou captando a realidade. O que aí se chama de realismo, na verdade é um impressionismo paralisante eivado de revolta. Todos os grandes fotógrafos são discípulos de Van Gogh.

Chamou-me a atenção umas chaminés que extraíam gás em canteiros no meio das ruas. Seriam os exaustores do metrô? A visão daquelas chaminés também eram-me familiares de filmes. Achei que seria ridículo apenas fotografar aquelas chaminés sem achar uma situação fotográfica para elas. Estive, é claro, no Central Park, mas, para não dizer que vivi a realidade do Central Park, vivi o “meu” Central Park, que até agora eu somente tinha visto. Ao fotografar pessoas nesses lugares eu selecionei entre uma série de atitudes influenciadas pela observação aquelas que fariam um dos meus nova-iorquinos. Escolhi um jovem que posou para mim trabalhando em seu laptop no Central Park. Se eu o fotografasse de surpresa, ele do mesmo modo estaria posando para as pessoas do parque e não agindo naturalmente, como os “realistas” supõe. Sempre há performance nas metrópoles. E

também há performance nos vilarejos. Mas, nas metrópoles a sua performance deve ter a “naturalidade” de uma pose fotográfica, pois, sempre se tem a expectativa de ser fotografado. Sempre todos vêm pessoas e lugares sendo fotografados, principalmente depois que inventaram aquelas malditas máquinas digitais que os japoneses seguram como armas pessoais. Eles podem fotografar infinitamente com aquelas coisas, jogando *flash* na cara da gente dentro dos museus. Isto causa uma prontidão nas metrópoles. Ninguém pode demonstrar atitudes artificiais e ridículas, pois, ainda que elas escapem aos olhos, poderiam ser eternizadas em fotografias.

No vilarejo eu não deito no banco da praça se tenho vontade, pois, temo o guarda. A minha performance é de civilidade e urbanidade e o passante observa a cena como a preservação da ordem e tranqüilidade da cidade. O que me faz sentir melhor? Servir à moralidade ou ceder à preguiça. Nem todos os que sentam no banco fazem o que gostariam de fazer. Outros sentam no banco para fiscalizar a moralidade alheia, mesmo sem vontade de sentar. A conclusão final do passante é que a realidade do vilarejo é a de uma pacata cidade do interior. Durante a performance ninguém deitou-se em cima do outro.

Na metrópole, o banco da praça está vazio. Todos passam exaustos com vontade de sentar, deitar e dormir em cima daquele banco. E todos os passantes concluem que a realidade da cidade agitada não deixa ninguém sentar no banco da praça. Se, por acaso, eu sentar no banco da praça tenho que estar lendo um jornal, mesmo que tenha vontade de deitar. Há o risco de algum fotógrafo eternizar algum momento ridículo de minha vida.

#### A ATITUDE BLASÉ

Simmel menciona a atitude *blasé* com decorrente dos estímulos psíquicos que a vida mental sofre na metrópole, o que o faz buscar prazer a todo custo. A vida urbana não combina com a austeridade. Times Square representa o *locus* do consumismo de prazer disparado pela atitude blasé. A vivência da realidade quando é intermediada por um câmera, *blaseifica* a realidade. Eu só vejo o que eu quero ver, o que me interessa, exceto o que se impõe aos meus olhos, que por interessar a todos, me interessa também. E a partir desses olhares minoritários da surpresa que eu tiro a conclusão hipócrita e vaidosa de que vivo a realidade, desconsiderando que uso sempre lentes e câmeras para “individualizar” o meu olhar sobre a maioria das coisas, exceto sobre o desastre de carro, o tiroteio ou o atentado às torres do WTC. As câmeras da televisão escolhem para mim o que é realidade. Com isso eu vou adestrando meu olhar individual no momento de captar uma

suposta “realidade” e criar em torno dela um consenso representativo. Por que eu escolhi fotografar os arranha-céus de Nova York como qualquer turista?

No dia do incêndio do prédio da Eletrobrás no Rio de Janeiro eu estava lá vendo a “realidade”. Eu olhava para o incêndio e para as pessoas usando celulares para testemunhar que estavam vivendo aquela realidade. É uma grande cumplicidade. Por que nenhum pedestre fotografava o incêndio? Por que, além de não possuírem máquinas, sabiam que os fotógrafos fariam esse papel. Enquanto todos viviam a grande tragédia tratando-a como realidade, a realidade prosseguia às margens do espetáculo e dos espectadores. Ninguém fotografa a realidade, porque ela não interessa aos olhos. São os pequenos espetáculos que são captados pelos fotógrafos na metrópole que se realçam na monotonia da realidade, estes sim, que são apresentados como a “realidade”. Só há uma câmera que capta a realidade: a câmera invisível do cruzamento de trânsito. Todas as demais apenas escolhem o espetáculo que vai ser chamado de realidade.

## O PANÓPTICO

Foucault se referiu ao *panóptico* como o mecanismo de vigilância e observação da totalidade que preservava o anonimato do observador. Mas, o sistema penal é um sistema hermenêutico, de comportamento previsível, mesmo que violento e destrutivo. O mesmo não se pode dizer da metrópole, onde sempre se espera o inesperado, fruto de alguma mente criativa. Quando se espera o inesperado, o inesperado é falsamente inesperado. O homem deita no meio da rua para protestar. A atitude inesperada é, na verdade, a surpresa *blasé* daquele dia. Cumpre a função de atrapalhar o trânsito e de protestar, o que é cotidiano, mas, também de criar o momento de lazer gratuito daquela multidão. Quando cada pessoa enfrenta engarrafamentos para se deslocar à metrópole, espera além do seu objetivo principal no dia, encontrar essas atitudes *blasé*. Pode-se dizer, mesmo, que encontrar as performances urbanas é o principal motivo que desloca as pessoas de seu subúrbio ou cidade chata para a metrópole, que é lugar de encontros e desencontros, no século XXI. Na economia se diria, que a produção é substituída pelos serviços.

Também pertence ao século XXI o panóptico da performance urbana, que vigia furtivamente com câmeras tudo o que ocorre nos lugares mais movimentados. O homem urinando no poste agora é visto. Antes, ele era majoritariamente excluído das observações da realidade local. Mas, ele pode ainda continuar sendo excluído do olhar que julga as penalidades urbanas entre as várias imagens da cidade. É muito irrelevante pra um brasileiro, com certeza, mas não para um inglês. O homem que urina na rua sempre se sentiu observado, o que transmitia uma relação *voyerista* ao seu ato. Um guarda talvez ignorasse esse delito, mas, um gay iria

talvez se aproveitar da situação. Quando o homem xinga o gay que se aproxima para ver, cria-se uma performance com conseqüências controladas. Ninguém se toca, mas, os passantes desfrutam de mais um momento *blasé*. A certeza da presença da câmera muda os comportamentos. O homem tem a certeza de que será vigiado, então sua relação passa a ser com a câmera e não com as outras pessoas. Está completamente destruída a cumplicidade e a realidade da cidade vigiada. Qualquer performance destina-se a uma grande público que poderá ver as imagens da câmera, então todos se intimidam e se controlam. A câmera panóptica da cidade capta a realidade, como já disse, na medida que a reduz a um monótono desfile. Mesmo a cidade não-vigiada, está condicionada a agir quando as pessoas repentinamente entrarem na cidade vigiada. Uma cidade vigiada possui performances urbanas mais legalistas e ordeiras, e tentará eliminar as mais interessantes e talentosas performances urbanas de cantos e becos, que passam a ser lugares proscritos. Decreta-se o fim da espontaneidade urbana. Os comportamentos também tendem a ser mais estandartizados em todos os diferentes recortes culturais da metrópole. A cidade panóptica já é uma grande cidade européia ou japonesa linda e chata.

#### A ILUSÃO DA REALIDADE

Quando a mídia mostra as torres de Kuala Lumpur, não nos informa sobre Kuala Lumpur, mas nos enriquece mais sobre Nova York. Ao mesmo tempo nos engana de que está mostrando a “realidade” de Kuala Lumpur. A gente só pode ver a realidade que já conhece. A maioria das pessoas possui representações de realidades que não conhece, e essas representações são uma escolha cultural que se faz, devido ao gosto estético que as imagens da mídia nos oferecem desde Hollywood até os noticiários. Hollywood construiu a maioria das representações de realidade que ainda possuímos, a chamada *glamourização* do mundo. Como Kuala Lumpur está fora de Hollywood, ninguém possui elementos representativos para construir uma Kuala Lumpur própria. Então, as torres de Kuala Lumpur nos remetem a Nova York, que é a terra dos arranha-céus. Estão propositalmente nos enganando quando nos apresentam a “realidade” de Kuala Lumpur. Primeiro os requixás, tão típicos do Extremo Oriente, e logo depois, as torres. Um jogo de imagens.

Mas, antes de nos remeter à Malásia, que não conhecemos, nem dispomos de representações de realidade peculiares, os requixás puxados por homenzinhos com chapéu cônico nos remetem a uma representação hollywoodiana de China, que em termos de Extremo Oriente, se difere da imagem do Japão dos samurais e do Vietnã da guerra. Mas, essa representação oriental, além de obviamente nos remeter a uma representação genérica de Extremo Oriente, também nos remete novamente a Nova York, com sua Chinatown, bem com as Chinatown de Los Ange-

les e San Francisco. Por trás da representação óbvia e genérica, da suposta realidade de algum lugar, está conjugada uma outra representação subliminar.

Todos os países que propagam e promovem as vantagens do multiculturalismo, do *melting pot* de ingredientes muitas vezes contraditórios, se beneficiam do discurso realista. Tudo parece um projeto globalizante, de fato. Percebam como as grandes cidades do mundo como Nova York, Londres e Paris procuram adquirir costumes culturais de todo mundo, o que vangloria a todos e traz lucros a essas cidades. Todas já possuem, por exemplo, carnavais de estilo brasileiro. Alguns já possuem praias fictícias na beira dos rios.

#### A PERFORMANCE MUSEOLÓGICA

James Clifford dá mais algumas pistas com o conceito de “autoridade etnográfica”, que quando não existe apenas entre antropólogos trata-se de uma “autoridade realista”. Se Nova York faz a promoção do turismo no Mali, mostra imagens de uma África Saariana típica, que está nas minhas representações hollywoodianas de mundo, mas, ainda assim eu não me disponho a ir ao Mali. Há algum museu de Nova York que traz um pouco da história e da realidade do Mali para mim. A partir das minhas representações eu construo o meu Mali dentro daquele museu, com elementos históricos fundamentados. Esse será o Mali enquanto eu não o conhecer, o que é bem provável, ou até eu ver uma reportagem da National Geographic. A National Geographic se propõe, com muita competência, trazer-me a “realidade” do Mali. As câmeras vão escolher uma paisagem “típica”, palavra aliada do realismo. Provavelmente um deserto. Isto eu já esperava, pois, o museu já me informou que existem desertos no Mali. O que eu não sabia é que a renda per capita lá era abaixo de 500 dólares anuais. Então eu supostamente sei sobre a realidade do Mali, que sendo desagradável, não substitui a minha imagem romântica de deserto. Nem mesmo a complementa.

Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2006

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**CLIFFORD**, James. *A Experiência etnográfica – Antropologia eliteratura no séc.XX*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998.

**FOULCALT**, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes, 1991.

**PARK**, Robert Ezra. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

**SIMMEL**, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In. O Fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. Org: Velho, Otávio.

\_\_\_\_\_. *Como as formas sociais se mantêm*. In. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34. Org: Filho, Evaristo de Moraes.

\_\_\_\_\_. *L'individu et la société dans certaines conceptions de l'existence du XVIII et XIX siècle. Exemple de sociologie philosophique*. In. Questions fondamentales de la sociologie.